

CRER PARA COMPREENDER

As estradas de Roma

A Via Egnácia, o correio de César, os salteadores, a escolta de Antipátride e a Via Ápia, lidos com Romanos 10, de Melito a Wesley

D. G. DE SOUZA

HC-S01-004

Antes de começar

Quem é quem

Neste fascículo

I	A pedra que fala duas línguas
II	Como pregarão, se não forem enviados?
III	A estrada tinha dono
IV	Perigos de salteadores
V	Quatrocentos e setenta homens e um preso
VI	Os antigos agradeceram pela paz
VII	Os meios, e quem envia
VIII	Sem impedimento

Capítulo I

A pedra que fala duas línguas

No Museu Arqueológico de Tessalônica, no norte da Grécia, há uma coluna de pedra gasta, de pouco mais de um metro e trinta. Foi achada nas margens assoreadas de um rio, a oeste da cidade. No alto está gravado um número, e embaixo um nome, duas vezes: uma em latim, outra em grego.

Miliário de Gneu Egnácio (c. 140 a.C.)

CCLX · Cn(aeus) Egnati(us) C(ai) f(ilius) pro co(n)s(ule) · Γναῖος Ἐγνάτιος Γαΐου ἀνθύπατος Ῥωμαίων · σξ′

"Duzentos e sessenta. Gneu Egnácio, filho de Caio, procônsul [dos romanos]. Duzentos e sessenta."

O número é a distância. Duzentas e sessenta milhas romanas desde Dirráquio, no mar Adriático, até aquele ponto, a umas sete milhas de Tessalônica. O nome é o do governador romano que mandou fazer a estrada, e foi a ele que a estrada deveu o nome: Via Egnácia. Não se sabe o ano exato do seu governo; a pedra foi posta uns cento e vinte a cento e quarenta anos antes de Paulo.[1]

Miliário

Coluna de pedra posta à beira das estradas romanas a cada milha (a milha romana tinha cerca de 1,48 km). Dava a distância e o nome de quem tinha feito ou consertado a estrada: um governador, mais tarde o imperador.

A estrada ligava o Adriático, de onde se passava de navio a Brundísio, ponta da Via Ápia, ao mar Egeu. Era a espinha militar do Oriente: por ela marcharam os exércitos das guerras civis de Roma. O geógrafo Estrabão, por volta do ano 20, deixou dela a descrição mais antiga de uma estrada romana fora da Itália.

Estrabão, *Geografia* 7.7.4

ἐκ δὲ τῆς Ἀπολλωνίας εἰς Μακεδονίαν ἡ Ἐγνατία ἐστὶν ὁδὸς πρὸς ἕω, βεβηματισμένη κατὰ μίλιον καὶ κατεστηλωμένη μέχρι Κυψέλων καὶ Ἕβρου ποταμοῦ· μιλίων δ᾽ ἐστὶ πεντακοσίων τριάκοντα πέντε

"De Apolônia para a Macedônia, rumo ao oriente, vai a Via Egnácia, medida passo a passo por milha e marcada com colunas até Cípsela e o rio Hebro; são quinhentas e trinta e cinco milhas."

"Marcada com colunas": os miliários. Quinhentas e trinta e cinco milhas são uns 790 quilômetros. Estrabão cita ainda Políbio, morto por volta de 118 a.C., que já dava duzentas e sessenta e sete milhas da costa até Tessalônica: a conta casa com a pedra.[2]



Um miliário romano tombado à beira do caminho, em foto da Matson Collection (c. 1900, Library of Congress). Cada coluna dessas trazia a distância e o nome de quem mandou fazer a estrada.

Matson Collection, Library of Congress, matpc.02372 (domínio público)

A pedra fala latim e grego. A estrada do poder romano já era bilíngue, como seria a Igreja que andou por ela.

Duas estradas fechadas

Por volta do ano 49 ou 50, três ou quatro homens de sandália chegaram por mar ao começo oriental dessa estrada. Lucas conta como foram parar ali, e começa por duas estradas que não puderam tomar.

Atos 16:6-7

Διῆλθον δὲ τὴν Φρυγίαν καὶ Γαλατικὴν χώραν, κωλυθέντες ὑπὸ τοῦ ἁγίου πνεύματος λαλῆσαι τὸν λόγον ἐν τῇ Ἀσίᾳ· ἐλθόντες δὲ κατὰ τὴν Μυσίαν ἐπείραζον εἰς τὴν Βιθυνίαν πορευθῆναι, καὶ οὐκ εἴασεν αὐτοὺς τὸ πνεῦμα Ἰησοῦ.

"Atravessaram a região frígia e gálata, impedidos pelo Espírito Santo de falar a palavra na Ásia. Chegando à altura da Mísia, tentavam ir para a Bitínia, e o Espírito de Jesus não os deixou."

As estradas da Ásia e da Bitínia estavam lá, abertas, romanas. Na primeira viagem, Paulo já tinha andado pela Via Sebaste, que Augusto mandou fazer na Galácia no ano 6 a.C.[3] Não faltava estrada. Foi o Espírito que as fechou, duas vezes.

Desceram então a Trôade, no litoral. De noite, uma visão: "um homem macedônio estava de pé, suplicando-lhe e dizendo: 'Passa à Macedônia e ajuda-nos'" (16:9). E o narrador muda de pronome. "Logo procuramos partir para a Macedônia, concluindo que Deus nos tinha chamado para lhes anunciar a boa notícia" (16:10). É o primeiro "nós" do livro de Atos. John Wesley notou nas suas *Notas sobre o Novo Testamento*: é o primeiro lugar em que Lucas dá a entender que acompanhava o apóstolo.[4]

Atos 16:11-12

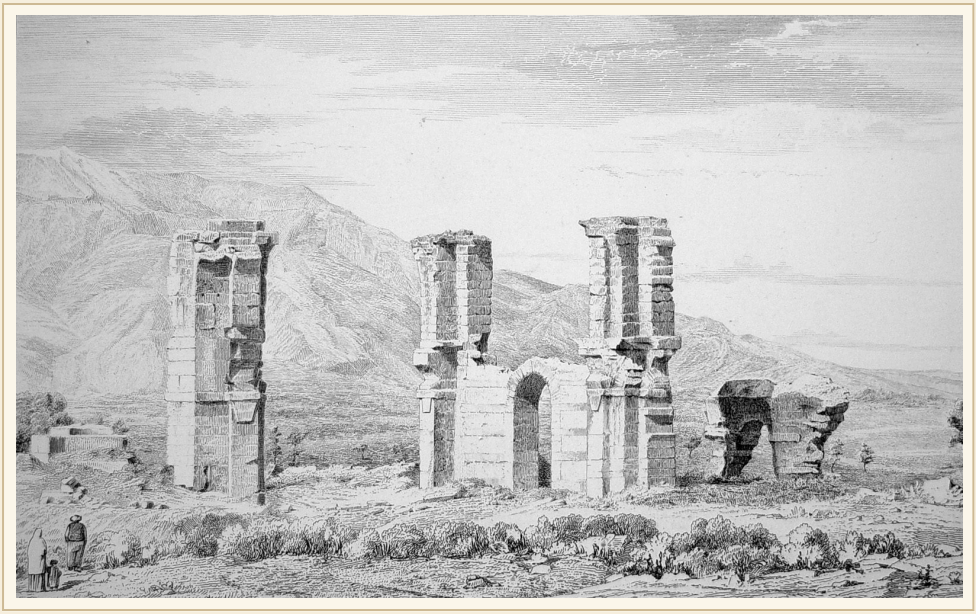
Ἀναχθέντες οὖν ἀπὸ Τρῳάδος εὐθυδρομήσαμεν εἰς Σαμοθρᾴκην, τῇ δὲ ἐπιούσῃ εἰς Νέαν Πόλιν, κἀκεῖθεν εἰς Φιλίππους, ἥτις ἐστὶν πρώτη τῆς μερίδος Μακεδονίας πόλις, κολωνία.

"Fazendo-nos ao mar a partir de Trôade, corremos em linha reta até Samotrácia e, no dia seguinte, até Neápolis; e dali a Filipos, que é cidade principal daquele distrito da Macedônia, colônia."

"Corremos em linha reta": vento a favor. O mar abriu o que a terra tinha fechado. Neápolis é a atual Kavala. Dali a estrada sobe a serra e desce para Filipos: dez milhas, uns quinze quilômetros, segundo um itinerário de peregrinos do século IV, que conserva as distâncias da Via Egnácia estação por estação.[5]

Uma colônia na estrada

Kolōnía é palavra latina em letras gregas, a única vez no Novo Testamento. Filipos era um pedaço de Roma plantado na estrada. A Via Egnácia atravessava a cidade rente ao fórum, e ainda hoje se veem no sítio as lajes com os sulcos das rodas.



As ruínas de Filipos desenhadas por Honoré Daumet na missão arqueológica da Macedônia (1861; publicada em 1876): a colônia romana onde a Via Egnácia trouxe Paulo à Europa.

Honoré Daumet, em L. Heuzey e H. Daumet, Mission archéologique de Macédoine, Paris, 1876 (domínio público)

João Calvino, comentando a visão de Trôade, lembrou uma história de Plutarco: um espírito maligno apareceu a Bruto, o assassino de César, e o chamou para a batalha infeliz que ele travou em Filipos, em 42 a.C., "no mesmo lugar para onde Paulo foi depois chamado".[6] Em Filipos, Roma decidiu quem governaria o império. Para Filipos, Deus mandou um homem a pé.

E o que Paulo achou lá não foi uma multidão. Calvino observa que os missionários atravessaram o mar como se a nação inteira dos macedônios fosse vir ao encontro deles, e acharam umas mulheres na beira do rio, "e uma só discípula, e essa estrangeira". Os começos do reino de Cristo, escreve ele, tiveram "o sabor da humildade da cruz".[7]

Tendo atravessado

Depois de Filipos, Lucas é breve: "tendo atravessado Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica" (17:1). *Diodeúsantes*: o verbo tem a palavra "estrada", *hodós*, dentro dele. As duas cidades são estações do caminho. Muitos comentários dizem que Paulo fez esse trecho em três dias. Pelas distâncias do itinerário do século IV, eram cento e uma milhas, uns cento e cinquenta quilômetros: a pé, a trinta quilômetros por dia, quase uma semana.[8]

O apóstolo andou por uma estrada que Roma fez para as legiões. A pergunta é antiga. Como vimos no episódio sobre o "evangelho" de Augusto, Orígenes, no século III, disse que a paz de Augusto reuniu os povos num só reino para que nada atrapalhasse os apóstolos. Resta saber se as estradas de Roma levaram também o Evangelho. Paulo fez a pergunta de outro jeito, numa carta escrita poucos anos depois dessa caminhada.

---

1. Miliário de Egnácio: EDH HD011513; EDCS-09401570; C. Romiopoulou, *BCH* 98 (1974), pp. 813–816 (o artigo não foi lido; o texto vem dos registros epigráficos e da foto de J. Lendering, Livius). O EDH dá 146–119 a.C. para o proconsulado; Egnácio não tem data segura nos fastos.
2. Estrabão, *Geografia* 7.7.4, grego de A. Meineke (Perseus), com Políbio citado no mesmo parágrafo; Tessalônica e a Via Egnácia no fragmento 21 do livro 7 (a numeração varia entre edições).
3. ILS 5828 (*viam Sebasten curante Cornuto Aquila leg. suo pro praetore fecit*); o EDH (HD032094) dá 6 d.C., mas os títulos de Augusto indicam 6 a.C. Paulo na Galácia: Atos 13:14; 14.
4. J. Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament* (1755), sobre Atos 16:10.
5. Itinerário de Bordéus (333 d.C.), ed. Geyer–Cuntz, CCSL 175, na tradução de A. Jacobs, que conserva os números do latim. As estações podem ser posteriores a Paulo. Em Atos 16:12 há variante: Westcott-Hort e Tregelles, "cidade principal do distrito"; o Nestle-Aland 28 imprime uma conjectura, "cidade do primeiro distrito da Macedônia".
6. J. Calvino, *Comentário a Atos*, vol. 2, sobre 16:10 (ed. H. Beveridge, CCEL).
7. Calvino, *Comentário a Atos*, sobre 16:11–13. Lídia e a prisão em Filipos são de outro episódio.
8. Itinerário de Bordéus: Filipos → Anfípolis 12 + 7 + 13; → Apolônia 10 + 10 + 11; → Tessalônica 11 + 14 + 13 milhas. A marcha de 30 km por dia é a do modelo ORBIS (Scheidel–Meeks–Weiland, Stanford, 2012).

Capítulo II

Como pregarão, se não forem enviados?

Uns seis ou sete anos depois de atravessar a Macedônia, em Corinto, Paulo escreveu aos cristãos de Roma, uma igreja que nunca tinha visitado. No meio da carta há quatro perguntas em fila.

Romanos 10:14-15

Πῶς οὖν ἐπικαλέσωνται εἰς ὃν οὐκ ἐπίστευσαν; πῶς δὲ πιστεύσωσιν οὗ οὐκ ἤκουσαν; πῶς δὲ ἀκούσωσιν χωρὶς κηρύσσοντος; πῶς δὲ κηρύξωσιν ἐὰν μὴ ἀποσταλῶσιν; καθὼς γέγραπται· Ὡς ὡραῖοι οἱ πόδες τῶν εὐαγγελιζομένων τὰ ἀγαθά.

"Como, então, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele a quem não ouviram? E como ouvirão, sem alguém que proclame? E como proclamarão, se não forem enviados? Como está escrito: 'Como são belos os pés dos que anunciam a boa notícia das coisas boas!'"

Paulo vinha de dizer, com o profeta Joel, que "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (10:13). Agora anda para trás, elo por elo: para invocar é preciso crer; para crer, ouvir; para ouvir, alguém que proclame; para proclamar, ser enviado. Os quatro "como" estão num modo do verbo grego que pesa uma impossibilidade: como seria possível?[1]

Em números

5 *elos na corrente de Romanos 10:14-15: invocar, crer, ouvir, proclamar, ser enviado. A corrente começa em Deus e termina num ser humano que abre a boca*

Quem proclama e quem envia

Cada palavra da corrente tem peso.

Kērýssontos, "alguém que proclame", vem do verbo do arauto, o *kêryx*, que anuncia em voz alta em nome de outro uma notícia que não é dele. *Hoû ouk ékousan* diz, ao pé da letra, "aquele a quem não ouviram": muitos leem aí que, no pregador, quem se ouve é o próprio Cristo, leitura que a gramática permite sem obrigar. E *apostalō̂sin*, "forem enviados", está na voz passiva, da raiz de *apóstolos*. Ninguém se envia a si mesmo; o contexto inteiro diz que quem envia é Deus. A corrente de Paulo não termina num lugar nem num meio de transporte. Termina num envio.

Apóstolo

Do grego apóstolos, "enviado", do verbo apostéllō, "enviar". Em Romanos 10:15, Paulo usa o verbo, e não o título: o que faz um pregador é ter sido mandado.

Os pés

A citação no fim do versículo 15 é de Isaías 52:7, cujo hebraico e cuja tradução grega vimos no episódio *O tempo está cumprido*. Aqui basta notar o que Paulo faz com ela. Onde o profeta fala de um mensageiro, Paulo põe o plural: agora são muitos os que anunciam. E Paulo tira os montes: os pés já não estão "sobre os montes" de Jerusalém, estão em qualquer estrada.[2]

O que é belo, nesses pés? Calvino responde que "pés" se toma, por metonímia, por "chegada". Wesley, nas suas *Notas*, diz o mesmo com outras palavras: "os seus próprios passos; a sua vinda".[3] O que é belo é que alguém veio. João Crisóstomo, pregando em Antioquia no fim do século IV, põe a beleza no conteúdo: os pés são louvados porque os enviados não andavam contando por toda parte outra coisa senão "aqueles bens inefáveis e a paz feita por Deus com os homens".[4] Em nenhum dos três a beleza está na estrada.

Quem creu no que ouviu de nós?

Paulo segue, e a corrente encontra um obstáculo.

Romanos 10:16-17

ἀλλ᾽ οὐ πάντες ὑπήκουσαν τῷ εὐαγγελίῳ. Ἡσαΐας γὰρ λέγει· Κύριε, τίς ἐπίστευσεν τῇ ἀκοῇ ἡμῶν; ἄρα ἡ πίστις ἐξ ἀκοῆς, ἡ δὲ ἀκοὴ διὰ ῥήματος Χριστοῦ.

"Mas nem todos obedeceram à boa notícia. Pois Isaías diz: 'Senhor, quem creu no que ouviu de nós?' Logo, a fé vem do que se ouve, e o que se ouve vem pela palavra de Cristo."

Obedecer, *hypakoúō*, é "ouvir por baixo"; *akoḗ* é ao mesmo tempo "a mensagem" e "o ouvir". A frase de Isaías vem, palavra por palavra, da Bíblia grega, do começo do quarto cântico do Servo (Isaías 53:1).[5]

Wesley escreveu sobre o versículo 17: "a fé, de fato, ordinariamente vem pelo ouvir". O advérbio é dele, e Calvino, dois séculos antes, já tinha posto a mesma cautela: Paulo fala só do "modo ordinário" que o Senhor determinou para comunicar a sua palavra, e "não quis prescrever uma lei para a distribuição da sua graça".[6] Os dois guardam essa ressalva, e ela voltará no fim deste fascículo.



Rafael, São Paulo pregando em Atenas (c. 1515–1516, cartão para tapeçaria, Royal Collection): "como ouvirão sem quem pregue?"

Rafael, São Paulo pregando em Atenas, c. 1515-1516, cartão, Royal Collection, em depósito no Victoria and Albert Museum (domínio público)

Por toda a terra

Então Paulo levanta a objeção mais óbvia, e a responde com um salmo.

Romanos 10:18

ἀλλὰ λέγω, μὴ οὐκ ἤκουσαν; μενοῦνγε· Εἰς πᾶσαν τὴν γῆν ἐξῆλθεν ὁ φθόγγος αὐτῶν, καὶ εἰς τὰ πέρατα τῆς οἰκουμένης τὰ ῥήματα αὐτῶν.

"Mas eu pergunto: será que não ouviram? Pelo contrário: 'Por toda a terra saiu a voz deles, e até os confins do mundo habitado, as suas palavras.'"

A citação é do Salmo 19, letra por letra na Bíblia grega. O hebraico diz outra coisa: *bekhol-ha'árets yatsá' qavvám*, "por toda a terra saiu a linha deles", a corda de medir. E "deles", no salmo, são os céus, que contam a glória de Deus sem palavras: "não há fala, não há palavras, não se ouve a voz deles" (Salmo 19:4).

Calvino notou a diferença e recusou a alegoria antiga, que fazia do sol Cristo e dos céus os apóstolos. Para ele, Deus já se manifestava aos gentios "pelo testemunho das suas criaturas", e, falando-lhes de longe pela voz dos céus, mostrou "por este prelúdio" que um dia se daria a conhecer também a eles.[7] Crisóstomo leu como cumprimento literal: "o mundo inteiro e os confins da terra ouviram". Wesley ficou no meio: podia-se, "em certo sentido", dizer dos pregadores o que Davi disse das luzes do céu.

Há um detalhe que o próprio Paulo oferece. Na mesma carta em que diz que a voz "saiu por toda a terra", ele conta que ainda quer ir à Espanha, onde Cristo não tinha sido nomeado (15:20-24). "Toda a terra", para Paulo, não era geografia completa. Era a certeza de que a voz já estava andando.

Onde Cristo ainda não foi nomeado

No capítulo 15, Paulo diz por onde ela tinha andado, e por onde ele queria que andasse.

Romanos 15:19-21

ὥστε με ἀπὸ Ἰερουσαλὴμ καὶ κύκλῳ μέχρι τοῦ Ἰλλυρικοῦ πεπληρωκέναι τὸ εὐαγγέλιον τοῦ Χριστοῦ [...] καθὼς γέγραπται· Οἷς οὐκ ἀνηγγέλη περὶ αὐτοῦ ὄψονται, καὶ οἳ οὐκ ἀκηκόασιν συνήσουσιν.

"De modo que, desde Jerusalém e em redor até o Ilírico, levei a pleno termo a boa notícia de Cristo [...], como está escrito: 'Aqueles a quem nada foi anunciado a respeito dele verão, e os que não ouviram entenderão.'"

Entre as duas frases, Paulo diz que fez "questão de honra" anunciar a boa notícia "onde Cristo ainda não tinha sido nomeado" (15:20).

Atos nunca põe Paulo no Ilírico, a costa do Adriático ao norte da Macedônia. Mas a Via Egnácia começava naquela costa, e muitos propõem que Paulo avançou para oeste por ela quando "atravessou aquelas regiões" da Macedônia (Atos 20:2). É hipótese, não fato contado.[8]

A citação do versículo 21 é Isaías 52:15, palavra por palavra na Bíblia grega, cinco versículos depois dos pés do mensageiro e um antes de "quem creu no que ouviu de nós?". Romanos 10:15, 10:16 e 15:21 tiram os três versos do mesmo bloco do Servo sofredor. O programa missionário de Paulo não vinha de um mapa de estradas. Vinha de Isaías 52 e 53: os que não ouviram vão ver.

---

1. Romanos 10:14–18 no SBL Greek New Testament. Westcott-Hort, Tregelles e Nestle-Aland leem os subjuntivos; o texto bizantino (Robinson-Pierpont) traz futuros. O sentido não muda.
2. Isaías 52:7 foi lido no episódio *O tempo está cumprido: Jesus, produto da época ou seu cumprimento?*. Em Romanos 10:15 o texto bizantino acrescenta "dos que anunciam a paz", aproximando-o de Isaías; Westcott-Hort, Tregelles e Nestle-Aland não o têm.
3. J. Calvino, *Comentário a Romanos*, sobre 10:15, tradução inglesa de J. Owen (Calvin Translation Society, 1849; CCEL); Wesley, *Notas*, sobre Romanos 10:15.

4. João Crisóstomo, *Homilias sobre Romanos* 18, na tradução inglesa dos *Nicene and Post-Nicene Fathers* (série 1, vol. 11). O grego não foi conferido.

5. Isaías 53:1 na LXX de Rahlfs (κύριε, τίς ἐπίστευσεν τῇ ἀκοῇ ἡμῶν). Em Romanos 10:17, Westcott-Hort, Tregelles e Nestle-Aland: ῥήματος Χριστοῦ; o bizantino: ῥήματος θεοῦ.

6. Wesley, *Notas*, sobre Romanos 10:17; Calvino, *Comentário a Romanos*, sobre 10:14.

7. Salmo 19:4–5 no texto massorético (WLC) e Salmo 18:5 na LXX de Rahlfs. Calvino, *Comentário a Romanos*, sobre 10:18. A sugestão de que a LXX leu outra palavra hebraica é nota do editor Owen, não de Calvino.

8. Isaías 52:15 na LXX de Rahlfs. Em Romanos 15:19, *kýklōi* pode ser "e arredores" ou um arco de Jerusalém ao Ilírico; *méchri* pode ser "até a fronteira" ou "até dentro".

Capítulo III

A estrada tinha dono

Os números que circulam em livros populares, "80 mil quilômetros pavimentados e 400 mil de estradas", não têm fonte que se possa rastrear. O ORBIS, um modelo de Stanford, reconstrói as rotas principais do império por volta do ano 200 em cerca de 85 mil quilômetros; um levantamento de 2025, o Itiner-e, chega a quase 300 mil no auge do império, a maior parte traçada por hipótese.[1] No tempo de Paulo, a rede era menor: quase todos os miliários das províncias do Oriente são do século II.



A Tábua de Peutinger, cópia medieval (séc. XII–XIII, Biblioteca Nacional da Áustria) de um mapa romano das estradas, com as paradas e as distâncias em milhas. Aqui, o trecho de Roma.

Tabula Peutingeriana, segmento 07, Österreichische Nationalbibliothek, Viena, Cod. 324 (domínio público)

Em números

300 mil km

de estradas romanas no auge do império, segundo o Itinere (2025). Só 2,7% do traçado tem localização certa

O que os miliários deixam claro é a quem a estrada servia: trazem o nome do procônsul ou do imperador. Nas províncias com exército, os soldados abriam e consertavam estradas; nas outras, o governador encomendava a obra, e as cidades pagavam. A estrada levava as tropas, as ordens do governo, os cobradores, o trigo do Estado. Comerciantes e pregadores iam de carona.



Giovanni Battista Piranesi, o lajeado e as margens da antiga Via Ápia em corte (1764): pedra sobre pedra, feita para durar e para servir a quem governava.

Giovanni Battista Piranesi, Prospetto del Lastricato e de' margini dell'antica via Appia, 1764, Vanderbilt Fine Arts Gallery, 2012.002 (domínio público)

O correio de César

O historiador Suetônio conta como Augusto montou um sistema para saber o que se passava nas províncias.

Suetônio, *Augusto* 49.3

Et quo celerius ac sub manum adnuntiari cognoscique posset, quid in provincia quaque gereretur, iuvenes primo modicis intervallis per militaris vias, dehinc vehicula disposuit. Commodius id visum est, ut qui a loco idem perferunt litteras, interrogari quoque, si quid res exigant, possint.

"E para que se pudesse anunciar e saber mais depressa e de pronto o que se passava em cada província, dispôs primeiro jovens a pequenos intervalos pelas estradas militares, depois veículos. Pareceu mais cômodo que os mesmos que trazem as cartas do lugar pudessem também ser interrogados, se a coisa o exigisse."

"Pelas estradas militares": é assim que um romano chamava as estradas. Os livros costumam dar a esse sistema o nome de *cursus publicus*, mas o nome só aparece no século IV. No tempo de Augusto e de Paulo, os textos falam de veículos e de passes, os *diplomata*.[2]

Diploma

No correio romano, o passe escrito que dava direito a usar os veículos e os animais do Estado ao longo das estradas. Tinha prazo de validade e era concedido pelo imperador ou pelo governador, para assuntos do governo.

O correio era só do Estado. Uns sessenta anos depois de Paulo, Plínio, o Jovem, governador da Bitínia, escreveu ao imperador Trajano uma carta de desculpas.

> **Plínio, o Jovem, *Cartas* 10.120.1**
>
> *Usque in hoc tempus, domine, neque cuiquam diplomata commodavi neque in rem ullam nisi tuam misi.*
>
> "Até hoje, senhor, nem emprestei a ninguém os passes nem enviei alguém por outro assunto que não fosse teu."

O motivo da carta: a esposa dele soube que o avô tinha morrido e quis correr para consolar a tia, e Plínio lhe deu os passes. Trajano respondeu que ele tinha feito bem.[3] Se até a mulher do governador precisava de licença para usar o correio, Paulo, um fazedor de tendas, nunca pôs o pé numa carroça do Estado.

As carroças de Sagalasso

Uma pedra de mármore da cidade de Sagalasso, na Pisídia, a uns cem quilômetros de Antioquia da Pisídia, onde Paulo pregou (Atos 13:14), mostra o outro lado do sistema. É um édito em latim e grego de Sexto Sótidio Estrabão Libuscidiano, legado da Galácia no começo do reinado de Tibério, entre os anos 14 e 19: umas três décadas antes de Paulo passar pela região.

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HC-S01-004

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *As estradas de Roma*. O fascículo inteiro tem 65 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender